



## NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE "EXPERIÊNCIA" DE WALTER BENJAMIN<sup>1</sup>

*Paulo Rudi Schneider<sup>2</sup>. UNIJUI*

A preocupação de Benjamin com a formação compreensiva do conceito de experiência se expressa desde a obra da sua juventude até os seus últimos escritos. De uma concepção inicialmente puramente metafísica, mas relacionada sempre com o concreto, ocorre uma evolução cada vez mais explicitadora do conceito pela relação do filósofo com as obras de pensadores como Kant, Hegel, Bérqson, Proust, Baudelaire, Freud e Marx. A evolução do conceito relaciona-se cada vez mais com a questão da alienação enquanto fenômeno que conjuga a perspectiva individual e social-histórica e se define continuamente pela contraposição de experiência e vivência, memória e esquecimento, passividade e atividade, narrativa e informa. Um elemento central que leva à perda da experiência é a informação no mundo contemporâneo. O decisivo para a troca de experiências é a narrativa. As narrativas de todos os tempos sempre são acompanhadas por forças produtivas seculares e uma dessas forças que as acompanham consegue aos poucos enfraquecer o âmbito da conversa viva. O caráter meramente informativo. A informação é abstrata por não ter conexão com a prática de vida; ela é de qualquer maneira ou sem interesse articulado; e ainda, ela é desconexa e sem memória e procura ser atual a todo o custo cultuando a novidade só pela novidade. A informação, por isso, representa o aspecto da vivência no âmbito das transmissões e cultua o seu crescimento na forma do sensacionalismo. A narrativa origina-se na experiência que se transmite de boca a boca e é uma prática da linguagem que fomenta a recordação e promove a cadeia da tradição. O em-si não mediado e abstraído da práxis na informação da imprensa não consegue tornar-se imanente à tradição. A falta de atualidade da narrativa, por sua vez, é o que precisamente possibilita a sua atualização na linha histórica da tradição. Ela se reconstrói continuamente cada vez mais quanto menos ela procura explicar. A informação, pelo contrário, permanece tanto mais externa à estrutura da experiência quanto mais ela procura acentuar a sua forma explicativa de um conteúdo objetivo em si. Na informação a referência ao mundo e a referência a si mesmo sempre é sem mediação e procura ser em-si objetiva, sem o aspecto da sabedoria da tradição falada que consagra o lado épico da verdade, isto é, a verdade em ocorrência. O lado épico da verdade significa uma objetividade não coisificada, não alheia e desvinculada da ocorrência imediata, pois a narrativa é algo compartilhado. O narrador consegue desse modo produzir conselhos para muitos, porque lhe é dado externar-se sobre as suas próprias e mais importantes questões de modo exemplar. Ele consegue fazer a ligação da sabedoria do mundo com o conhecimento das circunstâncias imediatas dos receptores do seu recado. A informação não proporciona o espanto, o qual é condição vital para um pensamento ativo que se interessa por sua origem. A informação na forma da imprensa é a própria organização da dispersão e, por isso, da vivência. A elaboração da compreensão do que seja experiência está diretamente relacionada com a compreensão da contradição da linguagem. Na linguagem humana expressamos de modo imediato a nossa participação e compartilhamento daquilo que mesmos somos na relação conosco e na relação com a sociedade, a história e a natureza.



# CT&I e SOCIEDADE

XVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
XV JORNADA DE PESQUISA  
XI JORNADA DE EXTENSÃO

4 a 8 de OUTUBRO de 2010



<sup>1</sup> Projeto realizado no Grupo de Pesquisa do DFP da UNIJUÍ: Linguagem e Hermenêutica

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Filosofia e Psicologia da UNIJUÍ